



DUALIDADES: AS MULHERES DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

Camila Camargo Vieira¹

A comunidade dos Arturos constitui um agrupamento familiar de negros que habitam uma propriedade particular em terras do município de Contagem, próximo à cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

A origem deste agrupamento vem do negro Arthur Camilo Silvério e sua esposa Carmelinda Maria da Silva, eles primeiros da grande família. É através de Arthur (pai) que se formam os Arturos (descendentes) e a marca do nome atesta a força da ancestralidade: filhos, netos e bisnetos de Arthur são hoje Arturos, família mantida e alimentada pela raiz inicial.

Os Arturos fazem parte de uma Comunidade Negra reconhecida como quilombo², que era antigamente rural, mas que se modificou devido ao processo de urbanização e expansão da cidade, sendo hoje considerado um quilombo urbano, da periferia da cidade de Contagem, em Minas Gerais. No entanto, dentro da Comunidade se mantém algumas características de “bairro rural”, como a participação coletiva nas atividades lúdico-religiosas, a solidariedade grupal, laços de parentesco entre os moradores, além da própria constituição e divisão espacial da propriedade, instaurando-se outro tempo na vida e nas relações humanas dessa comunidade, que dialoga constantemente com a urbanidade.

As características industriais do município de Contagem e a proximidade de uma metrópole do tamanho de Belo Horizonte tornam complexas as razões que levaram a permanência dos Arturos como grupo familiar voltado para o passado e participante do presente. É a partir das relações e práticas desencadeadas pela fé em Nossa Senhora do Rosário e a manutenção do Congado, que a comunidade tenta permanecer coesa para que as suas relações políticas e de afeto ganhem consistência.

A participação na tradição do Congado é um traço característico da existência da comunidade enquanto grupo, e a fé em Nossa Senhora do Rosário é o laço que os une e lhes confere o sentimento de pertencimento a comunidade. No período de seus festejos, quando toda a família se reúne, a herança afro-brasileira é ressignificada através dos cantos, danças, instrumentos e sons, ou

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da PUCSP, bolsista CNPQ. Email:camcv53@hotmail.com

² O conceito de quilombo foi se delineando no tempo, sempre associado a muita luta e resistência desde a época da escravidão até os dias de hoje. Atualmente há algumas denominações, como *Terras de Preto*, *Mocambos*, *Comunidades Negras Rurais*, *Remanescentes de Quilombos*, para grupos descendentes de escravizados, que ocupam um mesmo espaço e território, partilham tradições dos antepassados, praticam uma religião comum, mantêm laços de parentesco, possuem uma rede de sociabilidade e muitas vezes outras formas de organização social.



ainda nas vestes festivas com seus significados sagrados, simbolizados no deslocamento dos membros da Irmandade do Rosário nas procissões.

Os Arturos mantêm a vivência de suas tradições, que vem de um passado, dos ensinamentos dos seus ancestrais, tendo a oralidade uma grande força em meio à urbanidade que impõe outros valores, tempos, e saberes do mundo contemporâneo. O diálogo é constante, com tensões entre estes saberes tradicionais, modos de vida e de olhar o mundo, com a dinâmica do meio urbano. Isto tem provocado mudanças na própria tradição como também na vida da comunidade.

Juntamente com estas experiências vem a consciência da comunidade fazer parte de uma estrutura mais ampla, caracterizada pela diferença de classe e desigualdade racial. Fora da comunidade, os Arturos passam por discriminações e racismo, como a maioria da população negra brasileira, desde a escola, o mercado de trabalho, ou em qualquer outra dimensão da vida, de forma velada ou explícita.

As necessidades de sobrevivência levam os Arturos a buscar trabalhos para fora da comunidade, uma vez que a produção interna não é suficiente para garantir a subsistência. Assim, a maioria dos homens e mulheres exercem atividades fora da comunidade, os homens trabalham como seguranças, motoristas de caminhão, operários em indústrias e as mulheres, em sua maioria, como diaristas, domésticas ou auxiliar de serviços gerais.

A atividade das mulheres Arturas se modificou bastante daquelas exercidas no passado, quando elas trabalhavam em casa, organizando a estrutura familiar, cuidando dos filhos, dedicando-se à cozinha, às receitas antigas, como, aquelas de biscoitos, broas, doces, além da produção de sabão. Nos tempos em que o serviço agrícola predominava, a mulher trabalhava ao lado do homem nas diversas fases da lavoura.

Hoje ainda há aquelas que permanecem alguns dias na Comunidade, pois trabalham na cidade como lavadeiras ou diaristas. Os serviços domésticos de casa são feitos por suas filhas, antes da escola, enquanto as mães vão trabalhar. Para quem não tem filhas, ou as filhas são muito pequenas, fazem o serviço de casa depois que chegam do trabalho. As mulheres com filhos novos e as anciãs e anciões da família permanecem na Comunidade.

Toda a dinâmica vivida entre homens e mulheres dos Arturos, não difere muito da vida de milhares de mulheres pobres brasileiras, que saem para trabalhar fora, e que muitas vezes realizam a dupla jornada, no trabalho e em casa. O que demarca a diferença é esse diálogo do rural com o urbano, das tradições vividas e experimentadas pelas mulheres dentro e fora da comunidade.

Estas tradições presentes no cotidiano têm o seu ápice no período dos festejos do Congado,



distribuídos ao longo do ano.

Há uma demarcação dentro da tradição daquilo que é feito pelos homens, que ficam responsáveis pelos tambores, pelos cuidados com a organização ‘estrutural’, pelo cortejo, e, de um modo geral, pela organização pública das festas. As mulheres ficam com as funções de organizar e enfeitar a capela, os mastros, fazer todos os enfeites. Fazer as broas, biscoitos e toda comida, em síntese, com a esfera do privado, ou do espaço interno. Em casa arrumam as fardas dos filhos e maridos, capacete do Congo, saiote, os últimos detalhes do Rosário. Algumas no dia da festa trabalham na cozinha para “pagar uma promessa”.

As mulheres durante os festejos também realizam outras atividades, ajudam a levar água para as crianças atrás da guarda de Congo e Moçambique, participam como Rainhas, Princesas e dançantes do Congo. Na dança há uma preferência das mulheres da comunidade pela guarda do Congo, que vai à frente do cortejo, e atrás vem a guarda do Moçambique onde dançam mais homens do que mulheres. Em algumas festas as cozinheiras no último dia dos festejos depois de seus trabalhos colocam as fardas e formam uma guarda das cozinheiras e sobem para a igreja atrás do Moçambique e Congo.

Mesmo que as funções públicas sejam masculinas, o “núcleo duro” pertence às mulheres, esse poder não é somente simbólico, pois sem a participação delas não haveria festa, não haveria irmandade, a comunidade não se sustentaria, como afirma um capitão do moçambique:

“Se não fossem as mulheres não aconteceria festa, não aconteceria nada na comunidade, elas são o pilar da comunidade (Júlio, 48 anos)”³.

As mulheres e os homens se dividem nas tarefas durante os festejos, não há uma visão de que haja uma sobreposição, ou uma desigualdade, como foi relatado por algumas mulheres Arturas:

“No Congado há rei e rainha, há cozinheiro e cozinheira, não tem assim uma divisão, há uma igualdade (Dandara, 26 anos)”.

“Não que tenha essa diferença de homem e de mulher, não, você vê na cozinha, tem homem que fica na cozinha, tem homem que prefere não dançar o congado pra ajudar as mulheres na cozinha, entendeu, não tem essa diferença não (Tereza, 26 anos)”.

“Acho que não tem essa separação de homem e mulher, aqui tá bem equilibrado, a gente trabalha de igual para igual dentro do Congado... Mas acho que as mulheres aqui vivem uma luta constante no dia a dia, os homens aqui são bem parados, são bem relaxados poucos são os que assumem e tomam a frente e não deixam as mulheres sobrecarregarem tanto, nós com aquela dupla jornada.. acho que na vida assim, a mulher é mais sobrecarregada (Rosa, 40 anos)”.

Nestas falas a maioria das mulheres não menciona aspectos do seu cotidiano, parece que há uma naturalização das funções e papéis desempenhados por elas. É necessário um estudo mais

³ Os nomes mencionados neste texto são fictícios para preservar os membros da comunidade.



aprofundado das relações de gênero da comunidade, visando estabelecer relações com as experiências de outras mulheres.

O termo gênero como categoria de análise foi introduzido nos estudos feministas na década de oitenta. Para Verena Stolcke:

O conceito analítico de “gênero” se destina a desafiar a máxima essencialista e universalista do reducionismo biológico, interpretando as relações entre homens e mulheres como formulações culturais resultantes da imposição de significados sociais, culturais e psicológicos sobre identidades sexuais. Como consequência, tornou-se necessário distinguir entre “gênero” como criação simbólica, “sexo”, o que se refere ao fato biológico de a pessoa ser fêmea ou macho, e “sexualidade”, que tem a ver com preferências e comportamentos sexuais.⁴

A teoria do gênero problematiza e permite uma nova discussão sobre a maneira pela qual os fatos naturais das diferenças entre os sexos são relacionados, ao deslocar essa questão do “essencialismo biológico”. Nesse sentido, o conceito de gênero como forma sócio-histórica de desigualdade entre mulheres e homens chama a atenção para outras categorias de diferença que se traduzem em desigualdade, tais como raça e classe, colocando o cruzamento entre elas.

Nessa perspectiva, há uma ênfase na construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Há uma tentativa, segundo Guacira Louro,

De recolocar o debate no campo social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.⁵

A problemática de gênero, então, acaba revelando, segundo Judith Butler, a impossibilidade de separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.⁶

Nesse sentido, não há um único conceito de gênero, uma única construção, variando de acordo com as culturas e suas interseções, sejam elas: raciais, de classe, étnicas, sexuais, regionais, de identidades constituídas. Para Judith Butler:

Não só somos nós culturalmente construídos como, em certo sentido, construímo-nos a nós mesmos. O gênero passa a ser, portanto, simultaneamente uma questão de escolha e de construção cultural, tornando-se um lugar de significados culturais tanto recebidos como inovados.⁷

Dentro dessa perspectiva podemos pensar nas relações de gênero, nas relações do masculino

⁴STOLCKE, Verena. **Sexo está para gênero, assim como raça para etnicidade?**Rio de Janeiro, Cadernos Cândido Mendes, estudos afro-asiáticos, no20, 1991, p.103.

⁵ LOURO, Guacira L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós- estruturalista.**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p.22.

⁶ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.20.

⁷ BUTLER, J. apud NASCIMENTO, Elisa, L. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil.** São Paulo: Summus, 2003, p.75.



e feminino que se manifestam tanto cotidianamente como também no Congado e na comunidade. Relações que se apresentam como complementares, sobretudo dentro dos festejos e outras de oposições e tensões no cotidiano, como foram reveladas por algumas mulheres durante a pesquisa de campo.

Michelle Perrot (1998) considera que no mundo ocidental houve uma divisão entre o público e o privado, este último coube às mulheres. Há, portanto, toda uma construção sociocultural da mulher no mundo ocidental, reservando a mulher o espaço da casa, o seu interior, o espaço privado, representa dessa forma, a permanência e a continuidade, enquanto que os homens ficam com as decisões políticas e com o espaço público.

Assim ocorre na comunidade dos Arturos, que faz parte de uma sociedade patriarcal, comandada por homens, desde os presidentes da comunidade e em todas as decisões políticas, mas, no entanto, o poder simbólico pertence a uma mulher.

Há uma dualidade vivida entre os homens, com seus poderes políticos frente a irmandade e comunidade e o poder simbólico pertencer a uma mulher. Há dois anos atrás eram duas filhas de Carmelinda, Izaíra Maria (falecida) e Maria do Rosário, que não se casaram e ficaram no lugar dos pais, tomando conta da casa paterna e interferindo em todas as decisões da comunidade. Até os dias de hoje, embora Maria do Rosário esteja doente, ela ainda interfere simbolicamente na comunidade e é respeitada por todos, como uma matriarca.

De acordo com as Arturas, as duas irmãs, Maria do Rosário e Izaíra Maria, propiciaram que as mulheres tivessem mais espaço e força dentro da comunidade, podendo participar com mais autonomia das decisões e de tudo o que acontecia. E essa força veio também da mãe Carmelinda que viveu por cerca de 20 anos depois que o marido Arthur Camilo faleceu, e ficou em seu lugar juntamente com as duas filhas liderando a comunidade. Como afirmaram duas Arturas:

“Sem dúvida a força que Carmelinda deu juntamente com as duas filhas para as mulheres em geral da comunidade foi enorme (Jussara, 44 anos)”.

“Com certeza, ajudou bem, influenciou bem nessa questão, muito sim, o pessoal dar mais ouvido às mulheres, com certeza (Tereza, 26 anos)”.

Carmelinda Maria é lembrada como uma mulher muito forte, guerreira, que trabalhava na roça ao lado de Arthur Camilo, apanhando café. Era uma pessoa muito carinhosa, mas sabia ser rígida na hora que precisava. Uma mulher compreensiva e que sempre conversava com os filhos e netos e netas. Criou seus onze filhos com muita luta e dificuldade, mas com muita união.

“Mamãe criou nós de uma forma muito boa, com muita dificuldade, mas com muito respeito, responsabilidade, ensinou como nós devemos criar nossa família, igual a mim, que agora estou com 92 anos e criei meus filhos do jeito que ela me ensinou, isto ela e papai sempre nos ensinaram... ela trabalhava na roça de segunda a



sábado, e nós as mais velhas cuidávamos dos irmãos e irmãs mais novos. Mamãe ensinou a gente a acolher os outros, sempre dar comida para alguém que precisava, que viesse pedindo... vocês dão um pedaço de angu que tiver sobrado da panela, mas não neguem nada a ninguém que precise... fomos criados assim, ela sempre ensinou só o que era bom o que era mal não ensinou, todo mundo gostava de mamãe (Ana, 92 anos)”.

“Vó Carmela, como nós a chamávamos, dava muitos bons conselhos, sabia conversar com a gente, não gostava de bater não e nem deixava ninguém bater, ela conversava e às vezes as palavras dela doíam mais que uma surra, dava muito exemplo, inventava uma estória para educar a gente. Era alegre e muito carinhosa. (Iara, 43 anos)”.

“As lembranças que tenho de minha avó são muitas: ela era muito guerreira, do lar, muito dedicada, orientava a gente, educava a gente... contava do passado: no meu tempo a gente fazia assim, falava como é que plantava, como é que colhia, falava da festa do congado, um mês antes da festa já começavam os preparativos, como era no passado o congado, sempre no horário do almoço, ela picando a couvinha dela sentada e a gente conversando com ela na cozinha, muito guerreira minha avó, eu gostava muito de ficar conversando com ela (Mariana, 42 anos)”.

As jovens Arturas possuem lembranças mediadas pelas gerações mais antigas, mas muito poucas:

“Eu ouvi falar que minha bisavó sabia dar carinho, mas era muito rígida, gostava de tudo certinho, tudo muito correto, era também brincalhona (Roseli, 23 anos)”.

“Minha avó comentava: “Ai minha mãe não gostava disso, daquilo, mais assim”. Fato marcante assim eu não lembro não (Claudia, 26 anos)”.

Há algo que é comum nas lembranças, que povoa o imaginário e foi construído entre todas as pessoas da comunidade sobre Carmelinda. As mulheres jovens e as mais velhas dizem que há uma perda de respeito aos mais velhos, e a continuidade das tradições.

“Havia um respeito muito grande pelos pais antigamente, não era preciso nem falar, diferente de hoje, em que muitos filhos não respeitam os pais. Nós sempre aprendemos a respeitar os mais velhos e nossos pais, papai e mamãe não sabiam leitura nenhuma, mas nos criaram com aquela educação (Ana, 92 anos)”.

“Nós tínhamos muito respeito por eles, diferente dos dias de hoje que os filhos, netos, já não têm aquele respeito. Depois que os dois morreram vovô e vovó, muita coisa mudou. Hoje um passa na porta do outro sem pedir nem nada, não fala...Os tios a gente respeitava todo mundo, eles podiam bater, mas na época ninguém apanhava, pois a gente tinha a maior educação, mas podiam bater, mas nem precisava...A saudade da gente é essa, a gente não tinha luxo, não tinha nada, mas... tem gente que dá benção para nós, mas o jovem de hoje não faz isso mais, fica até morrendo de raiva...a saudade que a gente tem é essa, é respeito mesmo (Dulce, 61 anos)”.

“Ah igual todo mundo falava, Tia Juventina mesmo, que ela era minha madrinha a gente conversava muito, ela contava as coisas do meu avô e da minha avó, falava, que ela era muito rígida com eles, pegava firme com eles, igual eles falavam pra gente, se a criação de hoje fosse a mesma de antigamente, não estaria como está hoje, era outra criação, diferente do que está hoje. Eles sempre comentavam isso com a gente (Tereza, 26 anos)”.

As memórias são afloradas e reconstruídas tendo um significado diverso de acordo com o grupo da qual fazem parte e o lugar social que esse grupo ocupa. Para Halbwachs (2006), as nossas lembranças se apóiam não somente sobre nós, mas também sobre o outro. Sendo assim, as memórias não são individuais, mas coletivas. A memória coletiva seria a lembrança de algo vivido num determinado grupo, ou por um conjunto de pessoas ou até mesmo uma sociedade.

O tempo e o espaço, assim como o que é vivido pelo grupo são substâncias da memória,



marcando momentos significativos do passado que retornam ao presente e voltam ao passado, seguindo outra concepção de tempo, não linear, mas reversível. Nesse sentido, a memória não é fixa, se recria se reconstrói e se modifica ressignificando a vida de determinados grupos, de indivíduos, de gerações, de grupos de diferentes classes sociais, trazendo uma outra experiência vivida.

A comunidade passa por um momento em que os jovens estão modificando sua relação com as pessoas mais velhas e com o passado. Algumas jovens dizem que é preciso buscar o passado, apreender com os mais velhos, que hoje a juventude da comunidade já não mais se interessa pelas tradições e não se envolve com elas. Para os mais velhos, há falta de respeito e desinteresse dos jovens. Os jovens, por sua vez, dizem querer ter mais espaço, ou seja, serem mais ouvidos em suas idéias e opiniões, principalmente, com relação ao Congado. De acordo com as mulheres jovens:

“Os jovens estão cada dia se afastando, acabando. Mas tem gente que está trabalhando, estudando, buscando. Mas a grande maioria tá no ‘oba, oba’ e as coisas hoje em dia estão mais próximas, mais fáceis, não podemos perder as oportunidades (Roseli, 23 anos)”.

“Muita gente deixou de dançar, só tá diminuindo, só diminuindo. Eu acho que muitas vezes eles não procuram saber a opinião da gente, igual eu sou Arturos, eu sou bisneta, acho assim que pela comunidade, deveria ter reuniões, saber a opinião da comunidade que não tem, dos jovens também, isso influencia muito nas pessoas estarem largando o congado... os jovens têm vontade de se candidatar, a gente mesmo os jovens, o sangue mesmo, os jovens sabe, só que as pessoas que estão aí há vários anos não dão oportunidade (Eunice, 28 anos)”.

“Precisava botar alguém pra conversar com esses jovens, alguém pra ensinar sobre os ensinamentos da tradição, como Tio Antônio, por exemplo, que está na cama, marcar uma tarde das crianças irem na casa dele ouvirem o que ele tem pra ensinar, ele sabe muita coisa, contar sobre a história nossa, tinha vontade de fazer isso. Você vê nós estamos perdendo a comunidade, os velhos estão indo, falecendo, então tem que aproveitar quem tá vivo ainda e com cabeça boa, eu sempre conversei com Tio Antônio para aprender sobre nossa história (Suzana, 33 anos)”.

“Mudou muito a juventude aqui, muitos não querem saber de trabalhar, de estudar, de ter responsabilidade... não se interessam pelo congado pela tradição, pode até acabar (Nubia, 30 anos)”.

É interessante pensarmos nessas falas, de mulheres jovens, mas que sentem já muita diferença de alguns anos atrás, cerca de uma geração, já modifica o olhar, a percepção da vida. As mudanças de comportamento, os valores, as visões de mundo, revela-se como uma dimensão importante para a compreensão e reprodução da vida social. Para Debert (1999) as categorias e os grupos de idade são elementos privilegiados para dar conta da plasticidade cultural e também das transformações históricas.

As jovens falam de um tempo muito saudoso, onde brincavam livremente, de queimada, pique-bandeira, onde havia mais união, menos individualismo, drogas, desinteresse pelas coisas, pela tradição. E algumas mulheres na faixa dos 40 a 50 anos também levantaram saudades de um tempo de brincadeiras, de mais leveza, de contar histórias de ouvir histórias, de ouvir os mais



velhos, de se ter mais união. Ouvir as histórias da avó na cozinha. De acordo com Ecléa Bosi:

A nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida.⁸

Atualmente com a proximidade da cidade, dos valores urbanos, de outro tempo instaurado dentro da vida dos jovens Arturos, modificaram-se as relações, ritmo da vida, o estar no mundo, as experiências são sentidas de outra forma, trazendo os elementos da urbanidade, intercalando com os saberes tradicionais, dos ancestrais, dos ensinamentos dos antigos, da presença forte da oralidade na cultura africana e afro-brasileira. O próprio não saber sobre a bisavó, por parte das mais jovens, já revela que o tempo de contar histórias, de se ouvir os mais velhos, se transformou diante de outras experiências.

As mulheres Arturas vão desse modo, construindo sua trajetória, marcada por muita luta e resistência, filhas, netas e bisnetas de Carmelinda. Elas reconfiguram a sua realidade de acordo com a geração, trazem novas visões de mundo, de comportamento, transformações e lembranças que tanto se aproximam como se distanciam do universo das mulheres mais velhas, como das próprias tradições.

Atualmente, a falta de emprego e o racismo são para elas, um dos maiores problemas enfrentados pela necessidade de buscar subsistência fora da comunidade. Problema vivenciado pela maioria das mulheres negras do Brasil. Algumas delas se pronunciaram a este respeito:

“Ainda tem muita discriminação, muito racismo, eu já sofri... eu fui numa empresa fazer um teste, fazer uma entrevista e tinham duas mulheres brancas lá para fazer entrevista também. Fui eu e minha prima, nós notamos diferença da moça que atendeu a gente lá na hora; ela disse que não tinha mais a vaga, que a psicóloga não ia nos atender, daí perguntei: só nós duas ou elas também? Daí ela falou, não, elas vão ser atendidas, a gente notou uma diferença...As mulheres trabalham fora aqui nos Arturos, mas tem uma barreira, você pode contar nos dedos, quem trabalha em firma, é raro, a maioria é em casa de família, ou diarista. Outra coisa tem muita gente ali que fez o terceiro ano do ensino médio, estudou, tem estudo, mas não acha, é difícil...é complicado, é muito difícil... Ainda tem uma diferença da mulher negra na nossa sociedade, ainda tem e muito, não é pouco não... muita desigualdade (Suzana, 33 anos)”.

“Eu trabalho desde criança, trabalhava na roça, depois de babá e como doméstica e estou até hoje... Não tenho quase estudo, minhas pernas são cheias de marcas, olha aqui...eu apanhava dos fazendeiros, eles jogavam o cavalo em cima da gente pra gente não poder ir pra escola e estudar...hoje acabou um pouco, mas ainda existe muito preconceito, existe sim (Dulce, 61 anos)”.

“Acho que ainda tem muito racismo, preconceito, eu acho que não vai acabar nunca...é muito difícil ainda a gente estar conquistando nosso espaço, essa coisa de igualdade. Já sofri racismo sim, voltei a estudar depois de ter criado meus filhos, fui fazer um curso técnico, e no primeiro trabalho em grupo que teve, me juntei com a Luciana aqui dos Arturos e outra colega negra e ninguém mais quis entrar no nosso grupo...isto doeu demais (Rosa, 40 anos)”.

“Eu nunca passei por racismo não...mas minhas amigas sim...as pessoas olham pra gente, pelo olhar a gente já sente (Lia, 20 anos)”.

⁸ BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.67.



Nestas narrativas, é importante ressaltar que as lembranças trazem a memória do “não dito” de sentimentos silenciados, sofrimentos, luta e resistência. Segundo Pollak:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”.

As memórias femininas são fontes de conhecimento sobre a vida, que podem permitir uma relação diferenciada com a própria realidade social excludente da mulher e, principalmente, da mulher negra.

Nesse contexto, há todo o enfrentamento das mulheres Arturas na sociedade, no mercado de trabalho, os espaços profissionais que essas mulheres alcançam, revelando relações de desigualdade, racismo, exclusão de oportunidades, reafirmando a discriminação sofrida pelas mulheres negras em nossa sociedade.

Para Teresinha Bernardo, a violência do racismo, visualizada nas taxas de mortalidade infantil, na expectativa de vida, nas taxas de rendimento e no salário real, faz com que se torne importante perceber, por um lado, como as mulheres negras representam o racismo sofrido desde a década de 1930 até os anos 90; por outro, as características do mito da democracia racial, que constitui uma outra dimensão do racismo, à medida que encobre, desfoca a discriminação, criando a ilusão da harmonia racial.¹⁰

Neste breve trabalho, foram enunciadas questões que ainda estão sendo amadurecidas ao longo da pesquisa. As narrativas escolhidas pretenderam entrelaçar através das lembranças um pouco da história das Arturas, suas dualidades, os diálogos entre o masculino e feminino, suas experiências de vida. Pensando na história de Carmelinda, que foi recriada através da memória pelas próprias mulheres da comunidade, sua importância e significado diante de uma sociedade que não valoriza as tradições orais, a sabedoria dos mais velhos, o tempo de narrar e tecer histórias.

Bibliografia:

BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

⁹POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.4.

¹⁰BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2003, p.158.



BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003..

DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento.** São Paulo: Edusp-Fapesp, 1999.

GOMES, Núbia Pereira de M. & PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras: os Arturos.** Belo Horizonte: Mazza, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro Editora, 2006.

LOURO, Guacira L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós- estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

NASCIMENTO, Elisa, L. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil.** São Paulo: Summus, 2003.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas.** São Paulo: Editora UNESP, 1998.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

SILVA, Djalma Antônio da. **O Passeio dos Quilombolas e a Formação do Quilombo Urbano.** São Paulo, PUC/SP, Tese de doutorado em Ciências Sociais, 2005.

STOLCKE, Verena. **Sexo está para gênero, assim como raça para etnicidade?** Cadernos Cândido Mendes, estudos afro-asiáticos, no 20, 1991.

VIEIRA, Camila C. **No Giro do Rosário: Dança e Memória Corporal na Comunidade dos Arturos.** São Paulo, FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado 2003.